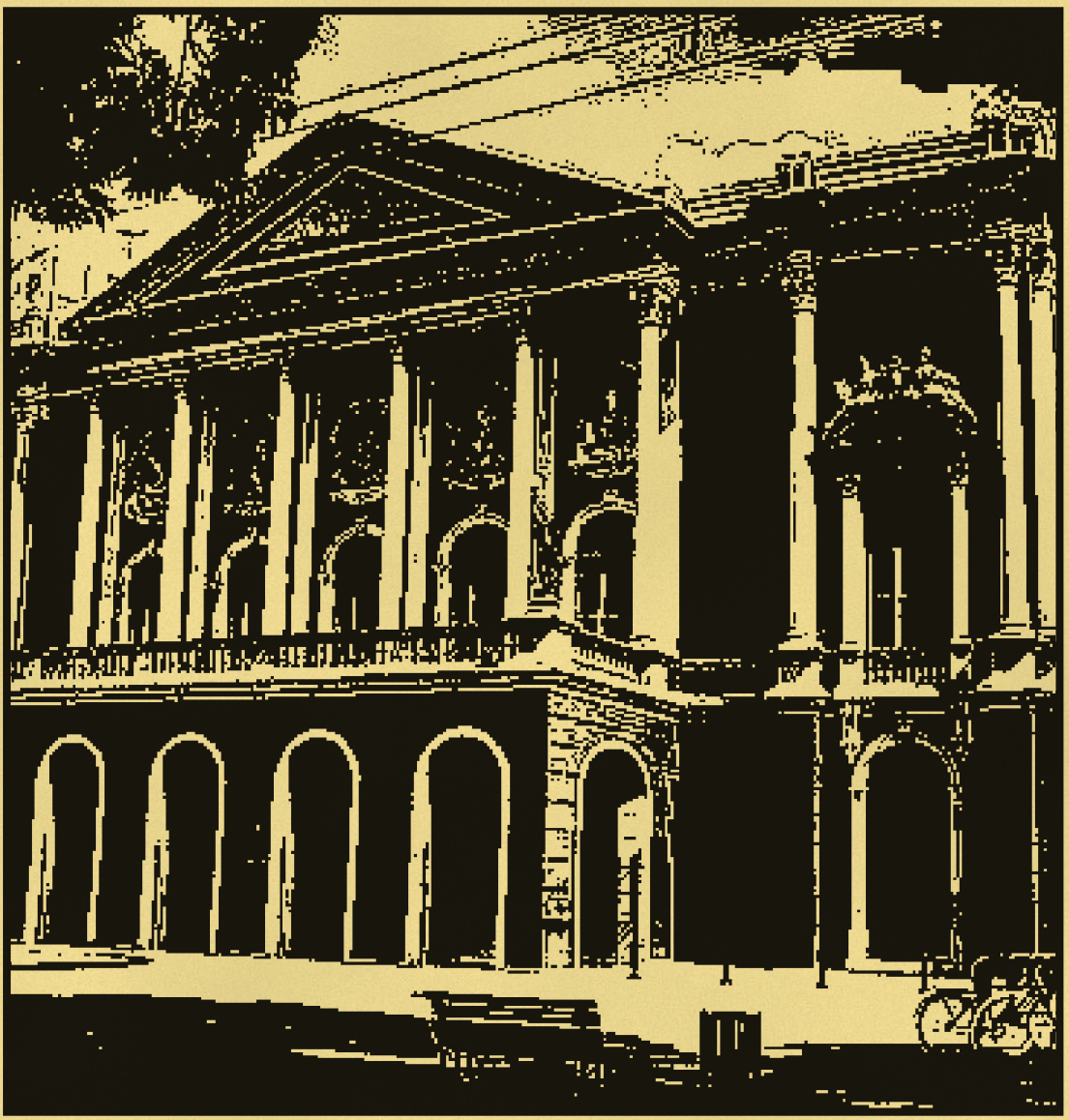
LITERATURA DE CORDEL

BELLE ÉPOQUE AMAZÔNICA

✦ ✦ ✦



JOSÉ GUILHERME TELES

Belém · Pará

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

BELLE ÉPOQUE AMAZÔNICA



Teatro da Paz (Belém) (Wikipédia)



Teatro Amazonas (Manaus) (Wikipédia)

José Guilherme Teles

INTRODUÇÃO

Nesse cordel eu pretendo
Episódios comentar,
Do Pará, do Amazonas,
Que lhes fez modificar.
Se acostaram à galope
Da chamada Belle Époque
Que se combinou chamar.

Ocorrido em trinta anos
Entre o XX e o XIX,
A riqueza da borracha
Permitiu que se comprove
Que aquela prosperidade
Trouxe a materialidade
Que a burguesia move.

Expressão da euforia,
Trunfo da sociedade
Que se notabilizaram
Pela possibilidade
De acesso à mercados
Antes a eles vedados.
Na Belle Époque, verdade.

Essa história, no contexto
Da Belle Époque enfim,
Começou com a exploração
Dos seringais dali, sim.
Os mercados paraense,
Também o amazonense
Deixaram de ser confim.

É importante lembrar
Que essas transformações
Que então propiciaram
Aquelas situações,
São porém, anteriores,
Foram propiciadores
Da borracha, expansão.

A bacia do Amazonas
Com seus rios majestosos,
Para as do Norte, elites,
Podiam ser vantajosos
Para o escoamento
Da riqueza do momento
Pra mercados ansiosos.

Essa elite nortista,
Liberalista, então
Era bastante apoiada
Pelo estrangeiro em questão:
Europeus, americanos,
Que contavam nos seus planos,
Riquezas desse sertão.

No Pará era formada
Por grandes comerciantes,
Proprietários rurais,
Pecuaristas arrogantes.
No Amazonas, mesmos planos,
Dos segmentos urbanos
De ocupações semelhantes.

A aplicação da borracha
Na industrialização
De pneus e assemelhados
Supõem valorização;
Traz o engrandecimento,
O progresso, embora lento;
Traz a civilização.

Mas a aproximação

Entre as sociedades
Paraense, amazonense
Sofre temporalidades:
A distância geográfica,
A imensidão hidrográfica,
Instigam rivalidades.

No ano mil novecentos
A elite amazonense
Conseguiu a anulação
Da vantagem paraense:
Distância que encarecia
O frete e só permitia
Arrecadação *forense*.

Nesse ano, entretanto,
Há real transformação
Que muito favoreceu
Sua arrecadação;
Em decreto compulsório,
Fica ali, obrigatório,
Imposto de exportação.

Para complicar o quadro
Sobre o lado social,
O Pará e o Amazonas
Tem estrato desigual.
No Pará tem mais que *tércio*,
No Amazonas só comércio
E o estrato liberal.

Isso não impediu porém
Uma aproximação
Sobre uma Belle Époque
Nessa vasta região
Com o Acre incluído,
Por Pombal admitido,
No seu governo de então

Na época, promoveu
Reformas na economia
Para aquela região,
Deu-lhe um pouco de alforria;
Teve o administrativo,
Político, mais ativo
Pra sair da letargia.

O império fluvial
Se impõe à região

E o ponto de partida:
À vapor, navegação.
Para elites, o progresso,
Para a região, sucesso,
Com sua implementação.

Com o vapor poderiam
Importar e consumir
Os produtos europeus,
No mercado se inserir.
O acesso aos seringais
E aos bens materiais
Fez Belle Époque surgir.

Todas as facilidades
Com a vapor-navegação
Internacionalizaram
Produtos da região;
O advento de lendas
Em contos e em parlendas
Foram para o *panteão*.

O VAPOR
No meio do dezenove
Permanecia isolado
No interior do Pará
O Amazonas, *colado*.
Mas no ano de cinquenta
Por decreto se assenta,
Foi enfim emancipado.

O acesso era difícil
Para aquela região
Por técnicos entraves
E o Império, de plantão
Que com sua autoridade
Impunha dificuldade
À livre navegação.

Nessa década, entretanto,
Chegou o esperado momento
Em que o governo central
liberou o provimento,
Por decreto autorizou
E Mauá viabilizou
Acabar o isolamento.
Nova província criada,
O vapor, navegação,
Traz o incorporamento

De tão vasta região.
Essa ação empreendida,
Visava ter garantida
Sua consolidação.

Nesse rol de privilégios
Concedidos a Mauá
Lhe deram o monopólio
Que igual então não há:
Fluvial navegação
E comercialização
No Amazonas e Pará.

Assim como a ferrovia
O comércio otimizou,
Trouxe oportunidades,
A distância encurtou,
Os vapores na Amazônia
Sem a menor cerimônia
Tal papel representou.

Claro que a oposição
Do governo imperial
Teve critérios contrários
À atitude liberal
De grupos que advogavam,
Pra Amazônia procuravam
Mantê-la bem nacional.

Nesse imbróglio irrompeu
O Barão de Marajó,
Favorável à abertura
Mas sem reduzi-la a pó;
Como via o americano
Compará-la a oceano
Como queriam e só.

A discussão perdurou
Até sessenta e sete:
Um decreto permitiu
O direito inconteste
De estrangeiro navegar,
Por vários rios transitar.
É muito mais que um teste.

Foi pelas sociedades
Muito bem assessorado,
Pois agradou paraenses
E amazonenses do lado.

O movimento aumentou,
Aos poucos se incorporou
Ao mundo globalizado.

Pelas margens desses rios
Houve o povoamento
Com vários núcleos então:
Ribeirinho assentamento.
Em limites paraenses,
Mais do que amazonenses,
Pela distância, portento.

Também disse, empolgado,
O Barão de Marajó:
“Melhoria dos costumes!”
Não é mais cultura só.
Passa a ser cosmopolita,
Pelas cabines do Ita
Passa o Norte a ser xodó.

Naquela fase, enfim
Era comum a ocorrência
Do público infantil
E também da adolescência
Ir pro Rio de Janeiro
Ou até pro estrangeiro:
De ensino, excelência.

Na volta pro seu torrão
São notícia de jornal.
Na bagagem, novidades.
São destaques, afinal
Estão em casa, agora
Vem retornando “de fora”.
Família tradicional!

Essa expansão do comércio,
Essa grande exportação
Da *goma* valorizada
Impacta a região.
Traz mil possibilidades,
Riqueza, prosperidade
Pras elites de plantão.

A República implantada
Traz descentralização
Administrativa e
Muda a arrecadação.
Do volume arrecadado

Fica agora com o estado
O imposto de exportação.

Esse contato amiúde
Com o comércio europeu
Fez ampliar o consumo
De produtos. O apogeu.
Trouxe a civilização,
Paradigma de então.
Grande mudança ocorreu.

Houve a dinamização
Daquela indústria naval,
Ampliação da flotilha
De estilo tradicional.
Nas nascentes mais insumos,
Mais um ponto de consumo
Com um novo seringal.

BELLE ÉPOQUE É PROGRESSO

É fato indiscutível:
A presença do progresso
Fez a distante Amazônia
Precursora do sucesso
Que no século seguinte
Fez a Capital com *acinte*
Repetir esse processo.

Urbanas transformações
Anterior aos noventa
Antecipam, estimulam
O que a elite intenta,
Movidos por dinamismo,
Pelo grande progressismo,
A República se inventa.

A Belle Époque, enfim
No Norte, do seringal,
Foi sim, estimuladora
De maneira crucial
Pra Belle Époque do leste,
Realizada, inconteste,
Na Capital Federal.
A *Hévea Brasiliensis*
Há muito utilizada
Por nativos da Amazônia
Foi sendo aperfeiçoada
Com melhores resultados,
Por pesquisas, demonstrados.

Pra pneus, patenteada.

Ampla gama de produtos
A borracha originou,
Com a demanda crescente
Sua produção aumentou,
Porém esse crescimento
Provocou retraimento:
Outros produtos minguou:

A pesca, a agricultura,
De animais, criação;
O próprio extrativismo
E a comercialização
De peles de animais,
De ervas medicinais,
Da castanha, em expansão.

Essas críticas, porém,
Muito pouco influíram
Sobre os acontecimentos,
Ao contrário, expandiram
Atividades então
Ligadas à expansão
Da borracha se abriram.

Nas capitais, estrangeiros
Se fixaram então,
Sendo eles, responsáveis
Pela grande importação
De vários bens de consumo,
Eles que davam o rumo
De toda aquela expansão.

A borracha, é claro, foi
Causadora do progresso,
Muito usada na indústria
Por avançado processo.
Muitos bens industriais,
As trocas materiais.
Para as elites, sucesso.

O látex já constava
Da plena confecção
De uma gama de produtos
Dessa civilização.
Pra elite amazônica
É posição hegemônica.
É a sua condição!

A produção da borracha
Promoveu a economia
Do Amazonas e Pará,
Quase como hegemonia.
Percentual consistente,
Internacionalmente.
Só para o café perdia.

No XX, a Amazônia
Perdeu o seu monopólio;
A produção da borracha
Passou a ser um espólio.
A produção da Malásia,
Pra Amazônia, mistanásia.
Fez seu próprio portfólio.

PARÁ, O EMPÓRIO AMAZÕNICO

As cidades sempre foram
Nos países, o cenário
Da Belle Époque, porquê
Mudaram o imaginário.
Novos limites urbanos,
Embora alguns, desumanos.
Um novo vocabulário

Urbano que vai reger
Essa modernização,
O controle social
E a higienização,
Clara no Rio de Janeiro,
Pra deixar de ser brejeiro.
Causou grande convulsão.

Manaus e Belém, no entanto,
De distintas tradições
Pela historicidade,
Diferentes soluções.
Ambas porém, igualmente,
Receberam grandemente
Da borracha, as ações.
De Belém, Santa Maria
Era uma fortaleza
Construída para dar
A colonial defesa
Em virtude dos franceses,
Espanhóis e holandeses
Pressionarem com largueza.

Quando Mendonça Furtado
Foi ali governador,
Indicado por Pombal,
Seu irmão e protetor,
A tornou a capital,
Ligada a Portugal.
Um Grão-Pará com louvor.

Nesse momento então
Um projeto de cidade
Inspirado em Lisboa,
E a monumentalidade.
Novos espaços urbanos,
Pra região, novos planos.
A lusa civilidade.

O grande naturalista
Alexandre R. Ferreira
Em *Viagem Filosófica*
Apresenta pioneira
Coleção aquarelada
Da urbe aportuguesada,
Orgulhosa, altaneira.

Avé-Lallement grafou,
No seu: *No Rio Amazonas*,
Sobre aspectos distintos
Da cidade *das Madonas*
E do magnificente
Palácio do Presidente
De Lisboa, *paragonas*.

Entretanto, estranhou
A *portuguesalidade*,
Que lhe demonstrava ser
A lusa *senilidade*.
A moda era a francesa,
A tradição portuguesa.
Incompatibilidade.

Hasting, um americano,
Militar confederado,
Ao passar pela cidade
Ficou bem impressionado
Com as mangueiras floridas,
Com as largas avenidas,
A gás, tudo iluminado.

No final do XIX

Se mostra *inda* a cidade
Com aspecto antigo
Pra municipalidade.
Logo, jovens engenheiros
Positivos, sobranceiros,
Promovem a urbanidade.

Mudanças foram distintas,
Buscando melhoramentos
E prosperidade pública,
Costumes, refinamentos.
A intendência prioriza,
Com orgulho, enfatiza
O reaparelhamento.

A cidade é equipada
De maneira especial:
São escolas, hospitais,
Praças, jardins sem igual;
Indústrias, seguradoras,
Casas bancárias, credoras.
Elevação social.

O telégrafo chegou,
Telefonia também,
Linhas de bonde e estradas
De ferro muito convém,
Bancos, instituições
Culturais, recreações;
Transformaram sim, Belém.

Pelas Docas do Pará
As inglesas companhias
Com os modernos vapores
Faziam cada dez dias,
Levando pro estrangeiro,
Também pro Rio de Janeiro,
Verdadeiras alforrias.

A mudança foi tamanha
Na sua urbanização
Que Belém foi incluída,
Claro, com justa razão,
Por sua prosperidade
E monumentalidade,
Do País, a sensação.

Expandindo a economia
Da borracha e das finanças,

As elites ruralistas
Vivendo plenas bonanças,
Fazem escolha natural,
Assentam na capital,
Renovando esperanças.

As transformações porém,
Não causa uniformidade,
Pois as classes populares
Tem sua mobilidade.
A preferência é sempre
Daquele que representa
A municipalidade.

Em novecentos e sete,
o número de habitantes:
Perto de 200.000.
Pelo porto, vicejantes,
Pessoas, mercadorias,
Um vai-e-vem de alegrias
Em movimentos constantes.

A cidade embelezada
Mantém características:
Arquitetura pensada,
Alterações urbanísticas,
Arte, graciosidade,
Forte racionalidade,
Viram sensações turísticas.

Nova tecnologia,
Seleta demolição,
O Intendente buscava
Nova configuração;
Nova estética perene,
Princípios de higiene,
Pro clima, ventilação.

Materiais aportavam
Pra servir na construção;
Eles vinham da Itália,
Tudo de primeira mãe;
Da França, de Portugal,
Também o profissional
Pra fazer a execução.

Um código de posturas
Entrou em execução,
Multas seriam aplicadas

Para toda transgressão;
Quaisquer tipos de dejetos,
Água usada, objetos
Na rua dá punição.

Apesar dessas medidas
A cólera se expandiu,
Vítimas em quantidade
Na cidade produziu;
Em Manaus e em Belém
Outro surto logo vem:
Malária, que reincidiu.

MANAUS, A PARIS DA SELVA

De São José do Rio Negro
No final do XVII,
Mais cento e cinquenta anos:
Forte, Vila, grande teste;
Em cinquenta e dois, no entanto,
Orgulhosa, um acalanto,
É capital inconteste.

Amazonas é província,
Autonomia vai ter
Do Pará foi separado
Sua vida vai viver;
Desbravar novos caminhos
Realizar seus destinos
Pra ganhar ou pra perder.

No seu início, porém,
Pouca comemoração:
Ruas estreitas, cortadas
Por igarapés, então,
Casario simplicidade,
Muita precariedade
E um comércio à exaustão.
A sua população
Significativamente
Permanecia nas matas
Quase permanentemente,
Meio nômade vem sendo,
De caça e pesca vivendo
Bem incipientemente.

Mesmo no fim dos oitenta
Uma pequena cidade
Quase 40.000 seres,
Pouca oportunidade;

Oferecia também
Pouco à elite que detém
A municipalidade.

Essa elite que habitava
A cidade, sem *candeia*
E também sem coração,
Por ela não *incendeia*,
Não demonstra emoção
E nem consideração;
A chamavam de Aldeia.

Só no início dos noventa
Sob a administração
De Eduardo Ribeiro
Houve a transformação;
Foi organizado plano
Prum melhor espaço urbano,
Planejada expansão.

Criado em noventa e três:
Código Municipal,
Organiza a cidade
E seu espaço vital;
Quer nova sociedade
Plena de urbanidade
Para o bem-estar geral.

Os novos bairros previstos
Fogem da tradicional,
Com um moderno traçado
Submetem o fluvial
Caminho do igarapé,
Aterrado pra dar pé
Pro *tabuleiro* final.

Colinas são aplainadas,
Igarapés aterrados,
A mata incorporada,
Traçados quadriculados;
Trazem todos afinal
Para o Eixo principal
Esses caminhos traçados.

Esse Eixo assim chamado,
Era bem monumental;
Avenida do Palácio
Foi seu nome inicial,
Mas Eduardo Ribeiro

Foi afago lisonjeiro;
O seu nome atual.

A Manaus modernizada
Atendia prontamente
A tradicional elite
E a burguesia emergente,
Ligada às atividades
Do governo da cidade,
Também bastante influente.

Vários serviços urbanos:
Esgoto, iluminação,
Telégrafo fluvial,
Ruas: pavimentação
Pra melhorar o acesso
De todos, é o progresso;
Bondes em circulação.

Muitos desses que migraram
Pro Amazonas nesse instante,
Era um misto de estrangeiros,
Gente muito importante
Ligada a exportação
E também a importação
É setor determinante.

Novos bairros foram abertos
Segundo novos traçados;
Novos estilos de casas,
Pomar e jardins cotados;
Americanos, ingleses
E até mesmo libaneses
Nesses pontos instalados.

Manaus sim, como Belém
Esquece a sua desdita,
Com a riqueza da borracha
A belle époque é bendita,
Com conforto e dinheiro,
Convivência com o estrangeiro
A torna cosmopolita.

Eduardo promoveu
Um significativo
Paradigma que vai
Orientar o motivo
Da nova elite escolher
Para se estabelecer

Nesse urbano e festivo

Ambiente manauara
Pleno de sofisticados
Bens e serviços urbanos
Para privilegiados
Que formam, isso é real,
Novo grupo social:
Os novos *civilizados*.

A cidade é conquistada
Pela civilização,
À selva subtraída
Por técnica atuação;
Europeus, americanos
E manauaras urbanos
Em moderna intervenção.

A dita Manaus antiga,
Inequivocadamente
Teve sua primazia
Homogeneizadamente,
Com a belle époque ação,
Nova representação;
Lembrança sempre presente.

A belle époque ofertou
Pra Manaus e pra Belém
Amplas possibilidades
De acesso ao que provém
Das técnicas, do progresso,
Do bem estar e sucesso
Que as elites ora têm.

Na Manaus antiga, a vida
Era muito social,
Depois de modernizada
Isso se tornou normal.
Juntas, Manaus e Belém
Fazem o uso que convém
Do espaço municipal.

Isso ocorreu porquê
Houve as ocupações
Desses públicos espaços
Por essas populações
Em piquenique, banquete,
De meia longa ou soquete;
Sociais interações.

As praças, modificadas,
Tem jardins sofisticados
E urbano mobiliário
Finamente elaborados.
Em seus bancos e coretos
Para o público, concerto
De grupos selecionados.

As festas e procissões,
Bois-bumbás e arraiais
Ocorridos nas rocinhas,
Logo ficam *opcionais*;
As reuniões dançantes
Com as regras consoantes,
São nos clubes sociais.

Esses eventos dançantes
Davam brilho e animação
Nessas ricas capitais
Traduzindo sua emoção;
O *Euterpe* e o *Ateneu*
Eram como o corifeu
Dos clubes, a seleção.

Essas agremiações,
Numerosas, a *granel*:
Maçônicas, partidárias,
Musicais, largo plantel.
Comercial do Amazonas,
Que as elites, pimponas
Consideravam seu céu.

Congregava no seu quadro
A elite brasileira,
Mas recebia amistosa
A visita estrangeira
Ligada à exportação
E também à importação;
Sociedade faceira.

Existia em Manaus
Bem clara definição
Entre área de trabalho
E área de diversão;
A área comercial
Também era social
Pra elite de plantão.

Noutras áreas mais distantes
Do Centro Comercial,
Nova sociabilidade
Foi implantada, afinal;
Era outorgado até
Banho de igarapé
Sob o código atual.

A prática esportiva,
As regatas, as corridas
De cavalo e as touradas
No *Coliseu* sucedidas
Traziam ao *Jóquei Clube*
Paraense, amiúde,
Elegantes investidas

Na cidade de Manaus
Os eventos esportivos
Quase sempre promovidos
Em caráter privativos
Por estrangeiros que então
Tem social possessão
Desses clubes exclusivos.

Os igarapés deixaram
De ser apenas caminho
Entre partes da cidade
Para aquele *Zé Povinho*,
Trechos são canalizados
Sendo então utilizados
Para esportes, belo alinho.

Passando os igarapés
Pela canalização,
O abastecimento d'água
Teve sim, ampliação;
Com isso, em alguns momentos
Houve até constrangimentos
À do corpo, exposição.

Ela ficará restrita
À limitados espaços
Concebidos pra descanso,
Pra refrescar de cansaços;
Para brasileiros, banhos,
Pro estrangeiro, estranhos,
Isso evita embaraços.

Em Belém, a exibição

Do corpo é do cenário;
Era mais facilitada,
Mais exposto, libertário
Nos banhos e nos quintais
E nas praias fluviais
Do *Mosqueiro*, balneário.

Em Manaus, em novecentos
Havia clube a escolher.
É estratégia social
Para todos envolver,
Para a identidade
Na municipalidade,
Para um melhor proceder.

Como afirmou Genesino
Braga no seu *Ideal*,
Pra escol endinheirada,
Novo clube social.
Entre os *idealinos*,
A gama de citadinos:
Era um grupo liberal.

Nos jornais desse momento
É forte a necessidade
De variadas diversões
Praquela sociedade,
Dos administradores,
Prefeitos, governadores;
Mais sociabilidade.

A vida se espraiou
Na municipalidade,
As calçadas ocupadas
Com toda urbanidade
Por mesinhas, qual na França,
Qual *carioca criança*,
Sinal de civilidade.

No ano de novecentos,
Os *Terríveis*, com seu *Corso*
Promovia o carnaval
Com *Entrudos* de reforço.
Nas praças e avenidas,
Nos coretos, preferidas
Diversões pra todo gosto.

Nos novecentos também
Famílias, para encontros,

Abrem suas casas, enfim
Pra literários *confrontos*.
Palacetes e mansões
Mostravam as adesões
Renegando os afrontos.

A *Província do Amazonas*
Fala do ventilador
Que veio amenizar
Aquele forte calor,
Refrescando os ambientes,
Os deixando mais decentes
E afastando o odor.

Do látex coagulado
Por sua defumação
Que em *pela* é transformado
Para ter exportação.
Então temporariamente,
Pra fiscalizadamente
Ser despachada então.

A elite do Grão-Pará
Desde os coloniais
Convivia com urbanos
Segmentos sociais
Do setor comercial,
Economia formal;
Continuavam atuais.

A *Província do Pará*
Publica programação
Semanal-dominical
Com variada atração.
A opção dos eventos,
Grandes acontecimentos,
De Belém, consagração.

O governo já mandara
Construir nos *arraiais*
Da cidade, instalações
Para doentes mentais
Com melhor dignidade,
Mas sua visibilidade
Fica oculta nos *quintais*.

O que não impede porém
Que tais instituições
Embora bem afastadas

Recebam visitações;
Nos programas da cidade,
Sobre a culturalidade,
Era uma das opções,

Como o *Teatro da Paz*,
O *Presídio São José*,
Os cafés e restaurantes
E igrejas como a *Sé*;
Museus danças, espetáculos,
O lazer e seus tentáculos,
Seja de bonde ou a pé.

A ÓPERA

A Belle Époque demonstra
Seu cenário expressivo
No espaço das cidades
Mais significativo,
Tal benesse é desfrutada
Pela elite endinheirada,
Com poder aquisitivo.

Concebido em sessenta,
Sua pedra fundamental,
Somente em setenta e oito
Inaugurado afinal,
Foi *da Paz*, denominado
E o Pará valorizado:
Teatro monumental.
O *Teatro Amazonas*
Em oitenta e quatro lançado,
Somente em noventa e seis
Foi enfim inaugurado;
Como o *da Paz* foi previsto
Para as elites, benquisto,
Por elas, apropriado.

Apesar da propaganda
Foi difícil a aceitação
Pelo público assistente
À espetáculos de então.
Predominavam operetas,
Zarzuelas e retretas
E o cinema, de plantão.

Para a elite é distinto
O Teatro frequentar,
Pelos seus gestos e trajes
Pode então se destacar,

Sua movimentação
Mostra civilização,
Para o Norte é invulgar.

Na missa dominical
As mulheres tem destaque,
Nas líricas do Teatro
Os homens usam o fraque;
Nova onda de costumes,
Nas roupas e nos perfumes;
É um cultural embate.

Na Amazônia o bel-canto
Foi logo estimulado
Pela *grana* da borracha,
Na elite disseminado,
Pelos novos edifícios
Por navegação serviços;
Momento civilizado.

O apoio dos governos
Dos estados em questão
Foi significativo
Para essa expansão;
Carlos Gomes, convidado
No Pará foi fixado;
Lírica consagração.

BANQUETES E BAILES

Os banquetes e os bailes
Eram representação
Naquela sociedade
De uma civilização;
A elite prestigiava
E também se equiparava
Aos parceiros de então.

Parceiros seringalistas,
Comerciantes também,
Políticos compromissos
Reafirmavam entretém,
As relações sociais,
Demonstração de iguais
Naquelas terras d'além.

O *Teatro Amazonas*
Várias vezes abrigou
Essas comemorações,
Esses grupos irmanou.

Certa vez, os alemães
Mesmo sem tabeliães,
Negócios sedimentou.

De outra feita, em Manaus
Um bosque de seringueiras
Foi o perfeito cenário
Para ações alvissareiras;
Um encontro oficial
Ratificado afinal
Com as cívicas maneiras.

Da mesma forma, em Belém,
O então governador
Em novecentos e quatro,
Intendentes convidados,
O *Bosque Municipal*,
Num evento que afinal
O inaugurou com ardor.

Nesses bailes e banquetes
Era comum demonstrar
Com joias, modo geral
De riquezas ostentar.
A riqueza, a ostentação
Demonstração a posição,
Indicava o seu lugar.
Com joias se poderia
Facilmente demonstrar
A riqueza, o patrimônio,
Seu *status*, seu lugar.
De fácil reconversão.
Ratificava então
Na elite o patamar.

A VIDA ALEGRE
O chope e a cerveja
Servidos sempre geladas
Em Manaus e em Belém,
Comodidades chegadas:
As câmaras frigoríficas
Anulavam caloríficas
Tardes quentes, *elevadas*.

O consumo de cerveja
Nessas duas capitais
Se expandiu, se alastrou
Com fabricações locais:
Em Belém, a *Paraense*,

Em Manaus, *nouveau sense*
Miranda Corrêa, a *Mais*.

Tais bebidas ampliavam
A sociabilidade
Masculina, ao final
De um dia na cidade,
Pelos clubes, pelos bares,
De indivíduos, pilares
Da municipalidade.

A cerveja, novos hábitos,
Entre tantas novidades,
Comparavam às europeias
Nossas nortistas cidades,
Dentre as opções servidas
Chope alemão e bebidas
De todas as qualidades.

No *High Life*, em Manaus,
Bar de muita novidade,
Mais que cigarros, charutos,
Bebidas, diversidade,
As farinhas variadas,
De tartarugas, *ovadas*
E açaí, unanimidade.
Das bebidas consumidas
Em Manaus e em Belém
A cerveja liderava,
Baixo teor que contém.
Nos seringais, aguardente,
Licores, que docemente,
Sabor da fruta mantém.

CONSUMIDORES E FREGUESES

Em Manaus como em Belém,
No final do XIX
Estavam consumidores
Que o comércio promove,
Com acesso ilimitado,
Desejo sofisticado.
Isso é o que os move.

Senhoras e senhoritas
Com o *Círio* a chegar
Eram sempre conclamadas
A novidades comprar.
Os vapores aportados
Vinham sempre abarrotados:

Última moda a chegar.

É importante, entretanto,
Ter em consideração
Os extremos dessa ampla
Rede-distribuição:
Margens dos rios, barracões,
Navegando, regatões,
Do comercio, ampliação.

Os seringais, são exemplos
Dessa emancipação
Desse mundo de negócios
Pra esse vasto sertão.
Gêneros, bens de consumo
E alguns poucos insumos
Para a borracha extração.

Na década de setenta
Centenas de *exilados*
Pela seca, cearenses
Vieram para esses lados:
Fregueses do seringal,
Sem dinheiro, sem metal,
De tudo necessitados.
Trocavam sua borracha
Colhida na seringueira
Por mercadorias que
Lhes fossem sobremaneira
Úteis à sobrevivência,
Ao seu trabalho e ciência,
Nada além dessa maneira.

Como fregueses que eram
Dos seringais amazônicos,
Garantiam de algum modo
Grupos anglo-saxônicos.
Trabalho assalariado
Por ali passa de lado,
São *ideários* daltônicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por toda a belle époque
A imprensa amazônica
Informava insistente
Com sua visão daltônica
E duvidoso fervor,
Produtos do exterior
Pruma elite histriônica.

O volume de negócios:
A borracha exportada,
Expressava a pujante
Economia atrelada,
Que garantia a riqueza,
Do investimento, certeza;
Sem empréstimos tomada.

A riqueza ostentada
Pela elite do lugar
Era expressa também
Ao embarcações comprar,
Mesmo do exterior,
Com luxuoso interior
Pelo prazer de ostentar.

Mil novecentos e dez,
Internacionalmente,
Definiu o seu final,
A belle époque pressente.
O movimento do porto
Diminui à contragosto;
O movimento é ausente.
Em novecentos e quinze
Disse a Associação
Comercial do Amazonas:
“Qual aves de arribação;
Saem lotados vapores
De senhoras e senhores
Pro exterior vão então.”

Pro interior do Estado
É pior a situação,
Vão vazios de pessoas,
O navio, a embarcação,
Também sem mercadorias,
Despojados de alegrias.
A crise chegou, então.

Desde a década de dez
Houve a desvalorização
Da borracha no mercado
Internacional, então.
O governo Montenegro,
Do Pará, não é segredo,
Pediu a intervenção

Do governo federal,

Que olhasse *presse* lado,
Pondo o Banco do Brasil
Pra regular o mercado,
Pois sobre a exportação
Da borracha de então,
A do Acre é seu legado.

No Pará ou Amazonas
A *mídia* especializada
Informava alterações
Na cotação, provocada.
Antes da Primeira Guerra
A nossa luta se encerra,
Pois é comercializada

Pela Ásia, de borracha,
Inédita quantidade
Que fez o nosso mercado
Perder a vitalidade,
Como fosse passamento,
Perdeu naquele momento
Lugar privilegiado.

Apesar dos dois Estados
Procurarem solução
Com programas de governo
Para estoques, formação
E vasta infraestrutura,
Pro caso não foi a cura,
É internacional questão.

Mesmo com a fundação
De *Livre Universidade*
Em novecentos e onze,
Em Manaus, a realidade
É que a instituição
Fora especulação
Duma mercantilidade.

Ao encerrar o cordel
Que fique documentado:
Da borracha, a decadência
Não foi culpa do mercado,
Mas conjunto de ocorrências
Mostrou claras evidências,
Claro significado.

Reduzir transformações
Na Amazônia de então

Pela crise da borracha
Como narrada questão:
Valor das exportações,
Famílias, suas ações;
Houve adaptação.

Em Manaus e em Belém
Logo, claros resultados
Aparecem: estrangeiros
Ao segmento ligados,
À borracha, exportação
E de bens, importação
Procuram outros mercados.

Há grandes transformações
Na vida dos paraenses
Da elite *borracheira*,
Também de amazonenses,
Cujos filhos viajaram,
Na Europa estudaram;
Agora *interiorenses*.

Com o tempo decorrido
Parte do povo altaneiro,
A elite endinheirada,
Vai pro Rio de Janeiro;
Em bairros prestigiosos,
Permanecem sequiosos,
Esqueceram o jambeiro.

O Teatro Amazonas,
Com belle époque feição,
Em onze ofereceu
Villa Lobos audição;
Mantendo a misticidade
Da municipalidade
Com aquela exibição.

Pierre Nora nos diz,
Ratificando a história:
Tudo tem o seu papel,
Seja feliz ou inglória.
O Teatro tem então
Grande significação:
Edifício da memória!

Este cordel foi inspirado no livro *A Belle Époque Amazônica* de Ana Maria Daou, a quem com o mesmo, presto homenagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque Amazônica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

CARNEIRO, Orlando, *Paragueses*, Belém, Imprensa Oficial, 1980.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1974.

MONTEIRO, Benedito, *História do Pará*, Belém, Ed. Amazônia, 2006.

PASSARINHO, Jarbas Gonçalves, *Estado do Pará*, Rio de Janeiro, Bloch, 1976.

SILVA, Marlene de Deus Tavares, *Estudos Amazônicos, O Pará em questão,* Belém, Design, Gráfica e Editora, 2003.

TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2ª edição, 1976.

JORNAL DO BRASIL. *Coleção Jornal do Século XX* – 1901/2000.



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013